

TONGEREN, Paul van. **Friedrich Nietzsche and European Nihilism**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2018, 198 p.

**Oswaldo Giacoia Junior<sup>1</sup>**

Paul van Tongeren, professor emérito da universidade Radboud em Nijmegen e do Instituto Superior de Filosofia da Universidade de Louvain, é um pesquisador bem conhecido entre nós, tanto por sua produção intelectual internacionalmente reconhecida, como em razão de sua constante e intensa parceria acadêmica com vários centros universitários brasileiros; vários de seus artigos foram traduzidos e publicados no Brasil, além de um livro que tem servido de preciosa referência para os estudos brasileiros sobre Nietzsche nos últimos anos: *A Moral da Crítica de Nietzsche à Moral* (tradução de Jorge Viesenteiner. Curitiba: Champagnat/PUCPR, 2012).

Nesse seu último livro, intitulado *Friedrich Nietzsche and European Nihilism*, Paul van Tongeren realiza o que é, por certo, o estudo mais substancioso, completo e atual a respeito da temática do niilismo na filosofia de Friedrich Nietzsche. A importância do tema no período mais tardio da trajetória filosófica de Nietzsche mal pode ser exagerada; tanto é assim que ocuparia uma posição nuclear no projeto editorial de *A Vontade de Poder*, plano, no entanto, abandonado por Nietzsche nos últimos meses de sua vida lúcida. Um abandono que, no entanto, não representa – muito pelo contrário – um desinteresse pelo niilismo. Pode-se considerá-lo, ao invés disso, como uma das grandes vias pelas quais se desenvolve o pensamento de Nietzsche em sua última fase de produção.

O que Nietzsche tematiza como a ascensão do niilismo europeu é o processo de esgotamento, a perda de validade e força vinculante por parte dos valores supremos de nossa cultura, sua perda de sentido, que é acompanhada, no plano afetivo, por um sentimento de vazio, remetendo a uma realidade que talvez ainda não sejamos capazes de perceber com plena clareza, mas que se insinua como nossa inelutável condição presente. O sintagma ‘niilismo europeu’ contém, pois, o diagnóstico de uma crise radical e inelutável, e abriga um conjunto de experiências do pensamento, ensaios e tentativas de orientação elaboradas a partir de fenômenos cruciais do presente, mas que se desdobra numa profunda meditação sobre o passado e projeções sobre o futuro.

---

<sup>1</sup> Professor titular do Departamento de Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, SP, Brasil. E-mail: ogiacoia@hotmail.com.

Nietzsche pensa sobretudo a partir da história da Europa, mas o termo encerra uma dimensão cultural e política muito mais ampla do que a mera acepção geográfica: Europa significa *Abendland* (Ocidente); e inclui, portanto, também todas as regiões do planeta que se formaram com referência aos valores cardinais da cultura europeia, que são aqueles da racionalidade lógica – e isso significa, nas condições presentes (que eram também, ao menos ainda embrionariamente, as de Nietzsche), a sociedade mundial, todas as formas de organização sócio-econômico-políticas cuja condição de existência depende da *ratio* científica e tecnológica, bem como da atualização necessária dos recursos dela oriundos.

As várias definições formuladas por Nietzsche para o niilismo não foram encerradas por ele numa unidade englobante. Daí resulta a extrema diferenciação dos ângulos pelos quais Nietzsche aborda o niilismo, e caracteriza também a extrema diversidade de tratamento que lhe é dado pela fortuna crítica de sua obra. Uma dessas definições é especialmente relevante para o livro ora resenhado, pela concisão e riqueza de significado: “Niilismo: um estado **normal**. Niilismo: falta a meta; falta a resposta para o 'por que'? O que significa niilismo? – Que os supremos valores se desvalorizam” (FP 1887 9[35]). O traço essencial desta definição é que o niilismo *significa, entre outras coisas*, a falta de resposta para a pergunta: ‘por que?’ A falta apresenta-se, então, como o sinal distintivo do niilismo, a ser considerado, antes de tudo, como uma condição normal. Condição na qual os supremos valores perdem sua consistência, sentido e, portanto, seu valor.

Ora, valores supremos são aqueles que até hoje serviram de pontos de apoio para a vida e princípios de orientação para o pensamento, o sentimento e a ação: são ideais, como verdade (no plano epistêmico), bem (no plano axiológico), belo (no plano estético), que Nietzsche sintetizou sob os nomes ‘Deus’ ou Absoluto ou Incondicionado. Valores derivados desses ideais são, por exemplo, unidade, totalidade, ordem, finalidade, Ser, certeza, fundamento, sagrado, justiça, igualdade, liberdade, fraternidade, compaixão, piedade, altruísmo, abnegação, desprendimento. E ainda, o que é mais importante, a própria noção de *oposição entre valores*, como verdade-mentira; essência-aparência; sensível-inteligível, liberdade-necessidade, justo-injusto. Tais referências formam estruturas mentais que adquiriram, ao longo de nossa história, um caráter normativo, do qual derivam prerrogativas de direito, e injunção de deveres e obrigações.

No livro de Paul van Tongeren, essa imensa variedade e riqueza conceitual é tratada com apurado rigor analítico, com uma virtuosidade hermenêutica capaz de reunir, num grande mosaico, os elementos mais importantes destacados por Nietzsche como

determinantes da história do niilismo europeu. E, no entanto, um dos maiores méritos do livro é que nele o esforço classificatório e as exigências impostas pela tarefa de organização não implicam em apresentar, numa totalidade sistemática, todas as formas do niilismo, exaurindo a multiplicidade de suas figuras identificáveis ao longo da linha temporal, o que importaria em simplificação didática a obscurecer a imensa variedade das nuances que constituem precisamente a riqueza inesgotável da reflexão e da crítica genealógica de Nietzsche.

Com plena consciência de que a grandeza dessa reflexão reside nessa variação e pluralidade de tipos, numa multiplicidade de considerações por vezes dificilmente harmonizáveis, em grande medida paradoxais e discrepantes, o livro de Paul van Tongeren reuniu e confrontou grande parte das definições apresentadas por Nietzsche para o fenômeno do niilismo europeu, cotejando a obra publicada com anotações inéditas extraídas do espólio filosófico de Nietzsche. Dessa maneira, o livro reúne um vasto conjunto de textos publicados e inéditos (estes criteriosamente restituídos a seus contextos temáticos originais por meio de acurados comentários crítico-filológicos) nos quais os diferentes traços do niilismo tornam-se objeto de consideração, análise e reflexão. Se o panorama oferecido não é exaustivo – e não poderia sê-lo, sob pena de desfiguração simplificadora, que empobrece a natureza do processo e o tensionamento próprio daquilo se encontra em questão –, ele proporciona ao leitor um conhecimento sólido e fecundo do niilismo em sua significação essencial.

O primeiro capítulo reconstitui a ‘pré-história’ do conceito de niilismo, analisa a significação filosófica, cultural e política do termo, anteriormente ao seu emprego por Nietzsche; o segundo capítulo reúne os diferentes formas de emergência do niilismo no pensamento de Nietzsche, bem como os diversos modos de tratamento dados por ele ao tema; o terceiro capítulo ocupa-se principalmente das respostas dadas por Nietzsche à pergunta pela história de proveniência do niilismo e sua significação; o capítulo quarto é dedicado à análise das mais importantes recepções do conceito e da temática do niilismo europeu, tal como pensadas por Nietzsche, com destaque para as interpretações de Martin Heidegger, Gianni Vattimo e Wolfgang Müller-Lauter. O capítulo final (quinto) é o ponto culminante do livro: nele van Tongeren desenvolve a questão que desde o início atuava como a força propulsora de toda sua reflexão: em que nos concerne hoje a filosofia do niilismo, tal como elaborada por Nietzsche? Por que a sinistra ameaça, diagnosticada por Nietzsche ao final do século XIX, parece não ter sido suficientemente levada a sério por seus contemporâneos, assim como também não o é por seus leitores atuais?

Por que razões temos dificuldade de perceber aquilo que se impõe à nossa percepção? No capítulo final, van Tongeren combina a maestria hermenêutica com o vigor de um pensamento filosófico original, que mobiliza as principais agruras de nosso tempo, as questões cruciais com as quais nos defrontamos no plano da engenharia genética e da eugenia, por exemplo, mas também da política, da ética, da estética e da religião. O livro nos mostra como os humanismos, em suas diferentes extrações, não podem mais assumir, nos dias de hoje, a função vicária de fundamentos substitutivos para o que se perdeu irremissivelmente com a ‘morte de Deus’. É então que se abre, no livro o espaço para a formulação da pergunta fundamental, sobre se é possível uma vida no seio do niilismo. Na elaboração pensante desta questão, van Tongeren leva a formulação filosófica ao limite de suas possibilidades, e a complementa com os recursos da experimentação estético-literária, valendo-se de metáforas artísticas extraídas das obras de Samuel Beckett e Juli Zeh. E, em perfeita correspondência com a ambiguidade essencial do niilismo, o livro se conclui com um epílogo/prefácio – uma preciosidade literária e um magistral exercício do pensamento filosófico.

Um dos méritos maiores deste livro é que nele combinam-se, por um lado, a perspectiva sincrônica, que organiza as diferentes formas de niilismo recorrendo à tipologia diferencial contida no aforismo 370 de *A Gaia Ciência*: a saber, a distinção entre o pessimismo dionisíaco ou da força, e o pessimismo da fraqueza ou romântico. A partir dessa diferenciação, os diferentes tipos de niilismo são caracterizados, definidos e relacionados num quadro integrativo. Por outro lado, e complementando essa visão compreensiva, atua a perspectiva diacrônica, que considera os tipos de niilismo sob o vértice da história de sua proveniência e desenvolvimento. O recurso permite que nos situemos também ao longo desse desenvolvimento, sobretudo porque as marcas mais distintivas de nosso próprio presente parecem assustadoramente similares com as figuras pensadas por Nietzsche como demarcando a história das figuras do niilismo europeu. Daí porque torna-se urgente, imprescindível, antes de qualquer tentativa prematura de ‘superação do niilismo’, levar a sério a pergunta crucial de Paul van Tongeren: por que não nos preocupamos com o que Nietzsche acreditava ser o mais ominoso dos hóspedes? O que há nele de tão ameaçador, e por que não fazemos esta experiência do mesmo modo que ele? Nietzsche estava enganado, ou nós é que estamos cegos e surdos em relação àquilo que se passa, inclusive conosco?

E o que se passa propriamente, já que nossa situação atual é a de um estreitamento de horizontes para a cultura, gerado pela perda de confiança em princípios e ideais que

até hoje orientaram nossas vidas; ora, este é também, inequivocamente, um sintoma do tornar-se consciente do *nihilum* do niilismo. Nenhuma verdade absoluta exhibe para nós títulos de crédito que assegurem sua pretensão. Sentimos que falta fundo em toda tentativa de fundamentação. A um relativismo cognitivo e epistemológico correspondem os vários particularismos ético-políticos, ou um pragmatismo utilitarista, obediente apenas a interesses egoístas, individuais ou coletivos, à obsessão hedonista pelo consumo, ao desejo de segurança, ao narcisismo, a um apolismo generalizado, tomando a forma do desalento, do cinismo da indiferença. As palavras de ordem que nomeavam as esperanças mais radiantes da modernidade cultural sofreram um desgaste inelutável. Por causa disso, o livro de Paul van Tongeren nos confronta com uma necessidade urgente, incontornável, que é a de atentar para os sinais portados pelo mais *unheimlich* dos hóspedes. O livro evoca uma postura de lucidez e sobriedade, não desprovida de humor, diante da possibilidade de um niilismo em relação ao qual *there is no beyond*, isto é, nenhuma força providencial ou salvífica que nos pudesse resgatar de nosso próprio envolvimento com o niilismo.